

- HOME
 - PRIMEIRA
 - ESPECIAL
 - OPINIÃO
 - LOCAL
 - DESPORTO
 - ARTES
 - COMÉDIA
 - TEMPO
 - DEBATE
 - PROFUNDIDADE
- JTM Online
- RECORRER ANTERIORES

produtor JTM

Pesquisar



AS MEMÓRIAS POÉTICAS DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES
“Só me lembro desta terra como ela era há anos”

Numa fotobiografia que lhe foi dedicada, Henrique de Senna Fernandes abordava, de forma poética, as suas memórias da família e de Macau. E também os motivos que o levavam a escrever compulsivamente: Resgatar do esquecimento a Macau da sua juventude, a atmosfera única da Cidade do Nome de Deus. Era esse o seu imaginário



Nascido a 15 de Outubro de 1923, em Macau, Henrique de Senna Fernandes pertencia a uma das mais antigas famílias macaenses, com antepassados portugueses, chineses e goeses. Uma família numerosa - Henrique teve mais de 11 irmãos - que mantém presença em Macau há mais de dois séculos.

Da mãe, Maria Luíza, de quem considerava ter herdado o feitio, guardava a memória de uma pessoa alegre e otimista. Já do pai, Edmundo José, relembra um temperamento oposto. “Mas como não havia de ser, com tudo o que lhe aconteceu... azares da vida! Gostava de mim. Era um bom contador de histórias”, descreveu em “O Olhar de Henrique de Senna Fernandes – Fragmentos”, uma fotobiografia da autoria de Lúcia Lemos, com poemas de Yao Jingming.

O cenário da infância do advogado e escritor decorreu à sombra das “árvores centenárias de ramagem restolhante” de Nam Van, o nome chinês de Praia Grande. Foi nas proximidades daquela baía que nasceu e ali passou uns primeiros anos de privilégio: “Éramos a burguesia, a nata de Macau, com todos os pruridos... Havia diferenças absolutamente chocantes. Eu era um rapaz completamente pedante.”

Era também uma casa de cultura, onde foi transmitido ao jovem “o amor pelo português”, graças ao pai, que considerava um patriota, apesar de ter tido uma educação anglo-saxónica. No lar paterno, a língua portuguesa era o único veículo de comunicação e Edmundo José cultivava o gosto artístico e literário dos filhos, levando-os ao cinema Victoria e ensinando-os a apreciar os livros. O revés é que Henrique nunca foi estimulado a aprender chinês, algo que viria a lamentar mais tarde: “Uma das minhas maiores amarguras é não saber chinês. A minha paixão era saber como penetrar na cultura chinesa. Tentar compreender. Mas falta-me isto, sinto uma grande frustração.”

Paixão foi também a que teve com Maria Teresa Ho Heong Sut, um nome que, em chinês, significa “neve perfumada”. Seduzido pelo charme oriental daquela “rapariga encantadora”,



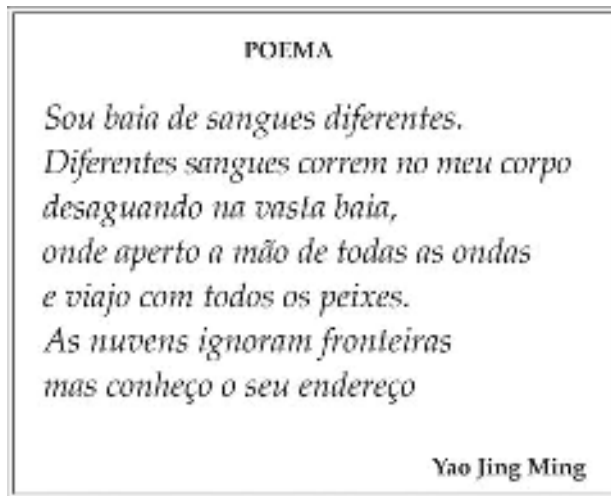
vocação maior era a docência. Foi professor primário ainda antes de ir estudar para Portugal. Quando regressou, voltou a leccionar História no Liceu e na Escola Comercial, actualmente a Escola Portuguesa. "Gostei desses tempos, e os meus alunos podem provar que fui um bom professor. Alguns deles ainda me falam das comparações com que ilustrava as aulas, apelando à imaginação. Era fácil e directo", recordava na fotobiografia que lhe foi dedicada. Para além de professor, Henrique de Senna Fernandes era também um leitor voraz de literatura portuguesa, admirador de autores como Aquilino Ribeiro, Eça de Queirós, Jorge Amado e Camilo Castelo Branco. As leituras acumuladas desde a infância levaram-no à escrita: "Escrevo diariamente, embora tenha muitos períodos de fastio. Então leio muito, fico para ali a hibernar ideias".

Henrique de Senna Fernandes viria a demonstrar proficiência enquanto escritor, tornando-se conhecido através de obras como "Nam Van; Contos de Macau", "Amor e Dedinhos de Pé", "A Trança Feiticeira" e "Mong-Há". No livro de Lúcia Lemos e Yao Jingming, explicava as suas intenções enquanto escritor. Que consistiam em escrever para o maior número possível de público e utilizando uma linguagem acessível, "para que a pessoa que me lê perceba o que lá está, encontre nos meus livros algumas horas de evasão ao cansaço do dia-a-dia." Escritor de contos e de romances, explicava a diferença entre estes dois géneros literários: "No romance, o final tem que satisfazer o leitor. Deve ser bonito, fazer recordar o leitor, ainda que seja um final trágico. As últimas palavras têm que ser muito importantes. No conto, a solução tem que ser choque. Provocar o choque no leitor, um fim inesperado. No conto é mais difícil. Tem que haver uma história muito bem contada, em poucas palavras."

De tudo o que escreveu, Senna Fernandes elegia "Candy" como o seu conto preferido, dado o prazer que teve a escrevê-lo e o seu "remate fantástico", que levava o autor às lágrimas a cada releitura. A compulsão da escrita advinha da necessidade de passar para o papel as suas experiências, "porque as pessoas de hoje não têm noção do Macau em meados do século". Era a vivência desses tempos que Senna Fernandes queria legar às gerações futuras.

"Descrevo o meu Macau, o meu património, o que eu conheci. Só me lembro desta terra como ela era há anos atrás. Falo dela e mantenho-a intacta no meu imaginário".

POEMA



[\[Alto\]](#) [\[Anterior\]](#) [\[Voltar\]](#) [\[Próximo\]](#)



[HOME](#) . [E-MAIL SERVIÇO GERAL](#) . [E-MAIL SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS](#) . [FICHA TÉCNICA](#) . [EDIÇÕES ANTERIORES](#) . [PUBLICIDADE](#) . [PRIMEIRA](#)

[Faça Sucesso com Mulheres](#)

AXE te Ajuda a Fazer Sucesso com as Mulheres! Aprenda e Pratique.

[Pensão Alimentícia](#)

Saiba como pedir revisão Dra. Priscila Goldenbeg



Copyright (c) Jornal Tribuna de Macau. All rights reserved
Design and maintenance by [Directel Macau Ltd](#)